

PIB DO AGRONEGÓCIO ESTABILIZA NO TERCEIRO TRIMESTRE E SETOR CRESCE 10,79% DE JANEIRO A SETEMBRO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), teve desempenho modesto no terceiro trimestre, com crescimento de apenas 0,4%. Com isso, o setor acumulou alta no PIB de 10,79% de janeiro a setembro (Tabela 1 e Tabela 2).

Como nos trimestres anteriores, entre os segmentos do agronegócio, o primário e o de insumos mantiveram destaque no terceiro trimestre, embora com desaceleração do crescimento para o primário. Com isso, esses segmentos também foram destaques no acumulado do ano. Já a agroindústria e os agrosserviços tiveram recuo no PIB no trimestre, mas ainda acumulam crescimento no ano (Tabela 1 e Tabela 2).

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários continuaram opostos, tanto no trimestre quanto no ano.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	35,56	22,28	3,27	5,47	10,79
Ramo agrícola	35,78	28,92	7,54	14,03	17,06
Ramo pecuário	35,13	8,20	-11,82	-14,73	-4,76

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	9,15	2,35	-1,42	-0,70	0,40
Ramo agrícola	11,89	3,62	-0,78	0,96	1,66
Ramo pecuário	4,20	-0,37	-3,34	-4,44	-2,69

Fonte: Cepea/USP e CNA

No ramo agrícola, o PIB cresceu 17,06% de janeiro a setembro, após ter alta de 1,66% no terceiro trimestre. No período completo, os destaques foram os segmentos de insumos e o primário (agricultura). O PIB do segmento de insumos agrícolas cresceu (35,78%) via aumento da produção – puxada pelo desempenho da agricultura – e alta importante dos preços, sobretudo fertilizantes e máquinas agrícolas. Por sua vez, o excelente resultado da agricultura no período (28,92%) decorre exclusivamente do alto patamar real dos preços agrícolas, tendo em vista as expressivas quebras de produção para importantes culturas em consequência às condições climáticas desfavoráveis. Destaca-se que o avanço da renda nesse segmento foi em alguma medida limitado pelo forte incremento dos custos de produção.

Já o fraco resultado da agroindústria agrícola no terceiro trimestre decorreu da desaceleração da recuperação da produção industrial, frente ao ano anterior, que marcou esse período. Esse foi o cenário para quase todas as agroindústrias agrícolas: produtos e móveis de madeira, papel e celulose, biocombustíveis e açúcar, têxtil e vestuário, conservas de frutas, verduras e vegetais, fumo e bebidas. Ainda no ramo agrícola, também se destaca o crescimento

do PIB dos agrosserviços, de 14,03% de janeiro a setembro. Tomando novamente como exemplo o setor de transportes, segundo o relatório trimestral da Fretebras, os fretes do agronegócio aumentaram expressivamente em 2021, puxados pelo transporte de fertilizantes, soja e milho.

O PIB do ramo pecuário recuou 2,69% no terceiro trimestre, com a variação no período de janeiro a setembro estimada em -4,76%. No trimestre, apenas o segmento de insumos pecuários cresceu, ainda puxado pelos maiores preços das rações. Esse segmento manteve destaque no acumulado do período. O PIB do segmento primário pecuário teve leve recuo no trimestre, e manteve crescimento de 8,2% de janeiro a setembro. A piora do resultado no terceiro trimestre refletiu uma desaceleração dos preços do boi gordo, do leite e dos suínos na comparação com 2020. Ressalta-se que a alta do período para a pecuária dentro da porteira é considerada modesta tendo em conta os elevados patamares dos preços, um reflexo sobretudo da forte elevação dos custos e também da menor produção de boi gordo. Na agroindústria, a queda de 11,82% no PIB de janeiro a setembro refletiu especialmente o estreitamento das margens, com a dificuldade de repasse dos aumentos das matérias-primas para o consumidor. A redução dos abatimentos de bovinos, diante da escassez de bois prontos para o abate, também afetou o resultado.

SEGMENTO DE INSUMOS: segmento de insumos cresce no trimestre e mantém destaque no período

Entre janeiro e setembro de 2021, o PIB do segmento de insumos do agronegócio cresceu 35,56%, comparativamente ao mesmo período de 2020 (Tabela 1). No trimestre compreendido pelos meses de julho a setembro, o avanço foi de 9,15% (Tabela 2). O resultado trimestral e o do período se deveram tanto ao desempenho das atividades do ramo agrícola quanto do ramo pecuário. Conforme mostra a Figura 1, todas as atividades do segmento apresentaram crescimento importante – com exceção da indústria de medicamentos para animais, para a qual se espera uma modesta redução.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual de volume, dos preços e do faturamento – 2021/2020 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

Para a indústria de fertilizantes e corretivos de solo, com informações até setembro, projeta-se importante crescimento de 66,11% do faturamento anual. Este resultado reflete a expressiva alta de 42,92% dos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020, e o crescimento de 16,22% da produção esperado para este ano. Apesar do crescimento, a produção nacional não é suficiente para atender à demanda doméstica, que, em grande medida, depende de importações. De acordo com a Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), a pandemia desencadeou uma alta dos preços no mundo todo, devido às

restrições de oferta em diversos países produtores; e, mais recentemente, as dificuldades relacionadas aos fretes, à atracação de navios e à contração de contêineres têm causado escassez de fertilizantes no mercado.

Para a indústria de defensivos agrícolas, projeta-se crescimento de 14,71% do faturamento anual. O resultado reflete o crescimento esperado de 18,20% da produção no ano, em contraposição ao leve recuo de 2,95% do preço real, na comparação entre períodos iguais. Conforme o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), no terceiro trimestre de 2021, houve crescimento da área tratada com defensivos em relação ao mesmo período de 2020. Esse crescimento reflete o início do plantio de verão, o aumento esperado da safra 2021/2022 e a expectativa de sustentação dos preços das principais *commodities*. Contudo, o Sindiveg chama atenção para a escassez de matérias-primas importadas e para o aumento dos custos, que ameaçam o fornecimento do insumo agrícola.

Para a indústria de máquinas agrícolas, é esperado crescimento expressivo de 67,01% do faturamento anual, resultado da combinação do crescimento anual de 46,60% esperado para a produção em 2021 e do avanço de 13,92% dos preços reais, na comparação entre períodos. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), o resultado reflete a capitalização de produtores.

Para a indústria de rações, é esperado crescimento de 61,25% do faturamento anual. O desempenho reflete a alta expressiva de 62,88% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, haja vista o recuo de 1,0% esperado para a produção anual (frente a 2020). A elevação dos preços dos insumos de alimentação está atrelada fortemente ao contexto altista de *commodities* utilizadas como matérias-primas para a produção de ração animal, como o milho e a soja, conforme tem sido destacado nos últimos relatórios. Ressalta-se que a alimentação possui grande representatividade nos custos de pecuaristas e tem se configurado como fator de pressão negativa sobre o PIB do segmento primário do setor.

SEGMENTO PRIMÁRIO: alta dos custos limita resultados no campo, mas esses ainda são satisfatórios

No terceiro trimestre de 2021, houve desaceleração do PIB do segmento primário. Na agricultura, o resultado continuou positivo, mas com avanço mais modesto (3,62%) em comparação aos trimestres anteriores. E na pecuária, houve queda do PIB (0,37%). Ainda assim, devido sobretudo ao alto patamar dos preços agropecuários ao longo do ano, o desempenho no acumulado de janeiro a setembro foi positivo para os dois segmentos, com destaque para a agricultura: altas de 28,92% para a agricultura e de 8,2% para a pecuária (Tabelas 1 e 2).

No caso agrícola, o excelente resultado reflete a elevação dos preços reais, em especial dos grãos, cana e café, ao passo que o PIB foi pressionado negativamente pelo avanço dos custos e pelas quebras de produção em diferentes culturas devido às condições climáticas desfavoráveis em quase todas as principais regiões produtoras do País. No caso da pecuária, como vem sendo apontado nos últimos relatórios, o efeito positivo dos elevados preços dos animais vivos, leite e ovos sobre o PIB não foi suficiente para compensar a forte escalada de custos, e a redução da produção de bovinos também contribuiu para o pior desempenho do PIB.

Para o primário agrícola, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se queda de 1,85% na produção da atual safra, um efeito essencialmente das condições climáticas desfavoráveis que causaram quebras de produtividade para relevantes culturas na formação do PIB. Especificamente, as culturas para as quais se espera redução da produção em 2021 são: algodão, café, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca e milho. Para os preços, também considerando uma média ponderada, o aumento real foi de 38,54% na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020. Houve elevações intensas para algodão, café, cana-de-açúcar, milho, soja, trigo e lenha/carvão. Os preços também subiram em termos reais, mas com menor intensidade, para arroz, banana, cacau, feijão, laranja, mandioca, tomate e madeira para celulose. Na comparação parcial desses nove

meses, apenas a batata, o fumo, a uva e a madeira em tora (para outros usos) tiveram recuo nos preços. Então, considerando produção e preços reais, o crescimento esperado no faturamento anual é de expressivos 35,98% para o segmento primário agrícola.

Para o segmento primário pecuário, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, houve alta de 24,77% nos preços na comparação entre os períodos de janeiro a setembro dos dois anos sucessivos, mas queda de 1,46% na produção esperada. Os preços subiram em termos reais para todas as atividades pecuárias acompanhadas. No caso da produção, a queda reflete especialmente a menor produção projetada de bovinos, mas com reduções também para leite e ovos. Com isso, a alta real esperada do faturamento anual é de 22,96%. Ressalta-se novamente que esse resultado não se transforma em aumento do PIB tendo em vista o avanço ainda mais expressivo do custo com insumos nessas atividades (alta média de 41,9%).

As Figuras 2 e 3 e a Tabela 3 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2021 para: algodão, arroz, banana, batata, cacau, café, cana-de-açúcar, lenha e carvão, madeira para celulose, madeira em tora, mandioca, milho, soja, tomate e trigo. Já as culturas para as quais são esperadas quedas no faturamento são: feijão, fumo, laranja e uva.

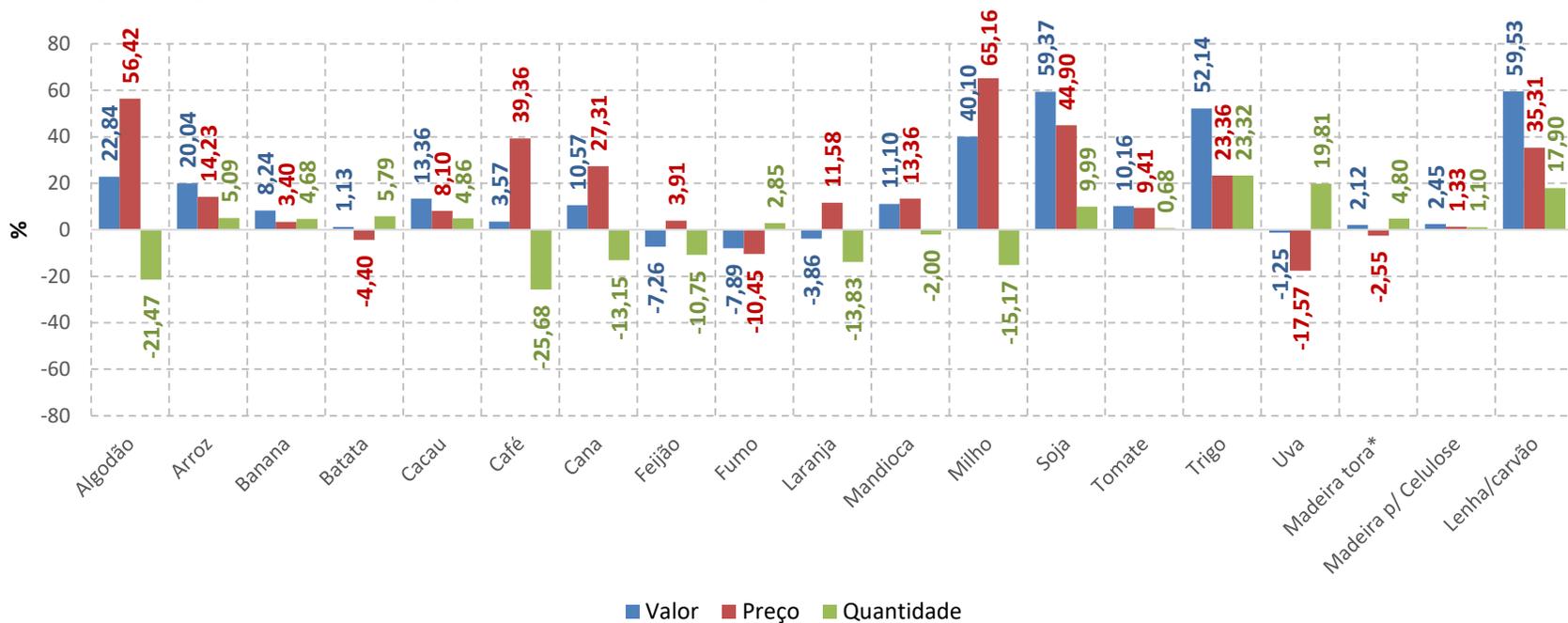
Com relação à cultura da soja, o aumento esperado no faturamento é de 59,37%, impulsionado pela alta de 44,90% nos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020, e pela produção anual esperada 9,99% maior. De acordo com a equipe Soja/Cepea, os preços do produto aumentaram ao longo dos dois primeiros trimestres de 2021 e permaneceram quase estáveis nesse elevado patamar no terceiro trimestre. No primeiro, os preços subiram refletindo o ritmo lento da colheita no Brasil, as necessidades de cumprimento de contratos, especialmente ao mercado internacional, as dificuldades logísticas, a valorização externa do grão e a depreciação do Real frente ao dólar. No segundo trimestre, a confirmação da quebra de safra de soja na Argentina, os baixos estoques nos Estados Unidos e o clima desfavorável à semeadura nesse país impulsionaram as cotações no Brasil. No terceiro trimestre, além de ser um período de estoques menores, os preços domésticos foram influenciados pela demanda externa aquecida, diante de problemas logísticos nos Estados Unidos (furacões na costa do Golfo do Mississippi) e na Argentina (baixo nível dos rios). Para a produção, a Conab aponta que os ganhos produtivos e a expansão da área destinada à cultura resultaram em uma safra recorde – adversidades climáticas afetaram a qualidade de lotes colhidos, mas não foram suficientes para prejudicar os resultados. A Companhia destaca que o aumento de área foi incentivado principalmente pela alta dos preços internacionais e pelo patamar do câmbio em 2020.

Para o trigo, a elevação dos preços na comparação entre os nove primeiros meses de 2021 e de 2020 (23,36%) e da produção esperada do ano (23,32%) explicam a projeção de crescimento do faturamento (52,14%). Segundo a equipe Trigo/Cepea, apesar do aumento nos preços, as negociações no Brasil foram lentas no período, especialmente no primeiro semestre. No primeiro trimestre, produtores focaram na colheita e na armazenagem da safra de verão e restrições ao comércio em várias cidades também influenciaram a baixa liquidez. Durante o segundo, o ritmo das negociações foi influenciado negativamente pela menor demanda. Ao longo do terceiro trimestre, o preço do trigo se manteve em patamar elevado, com as atenções de agentes do setor voltadas ao campo e ao clima – em julho, as baixas temperaturas causaram perdas em parte das lavouras e, em agosto, a falta de chuvas e as altas temperaturas foram os fatores preocupação. Ao mesmo tempo, a paridade de importação ficou elevada e houve boa demanda doméstica, principalmente por parte do setor de ração. Para a produção, de acordo com a Conab, a expansão esperada reflete as expectativas de maiores área e produtividade. Como mencionado no relatório anterior, devido às irregularidades climáticas (incidência de geadas em algumas regiões e baixos índices pluviométricos), houve uma redução no potencial produtivo da cultura, mas, ainda assim, a produção deve ser recorde.

No que se refere à cultura do milho, o maior faturamento esperado (40,10%) reflete, exclusivamente, a alta de 65,16% nos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e 2020. Para a produção anual, se espera uma redução de 15,17% - pior resultado desde a safra 2017/18. Segundo a Conab, a área plantada da primeira safra aumentou, mas não foi suficiente para compensar os efeitos do clima sobre a produtividade. Na segunda safra, também se observou aumento da área, mas os danos causados pelas adversidades climáticas reduziram o potencial produtivo da cultura - há registros de acentuadas perdas nas lavouras. A equipe Milho/Cepea aponta que o aumento significativo dos preços se deveu à menor disponibilidade do produto no mercado doméstico. Mesmo com o avanço da colheita da primeira safra, o preço acumulou forte alta no primeiro trimestre, reflexo dos baixos estoques e do atraso no semeio da segunda safra. No segundo trimestre, os preços continuaram firmes, com os estoques ainda baixos e preocupações com o desenvolvimento das lavouras. No terceiro trimestre, os preços do milho subiram em julho e agosto, ainda impulsionados por preocupações com o desenvolvimento das lavouras, que tiveram a produtividade prejudicada por estiagem e geadas. Com o avanço da colheita, os preços caíram em setembro.

Com relação ao algodão, a elevação no faturamento anual esperada (22,84%) também é reflexo, exclusivamente, dos maiores preços reais (56,42%) na comparação entre períodos, uma vez que se espera queda na produção anual (-21,47%). Com relação aos preços, a equipe Algodão/Cepea destaca que esses têm sido crescentes desde meados de 2020, impulsionados pelas elevações dos preços internacionais frente ao aquecimento demanda, pela desvalorização do Real frente ao dólar e pelo aumento da paridade de exportação. Em geral, a recuperação do consumo em toda a cadeia têxtil foi acima das expectativas. No terceiro trimestre, especificamente, o preço do algodão aumentou mesmo com o avanço do beneficiamento da safra 2020/2021. A equipe destaca que, pela perspectiva da oferta, o aumento foi fundamentado na menor produção da safra, no maior volume de pluma já comercializado e nos estoques reduzidos. E os preços também foram impulsionados pela demanda doméstica, pelos preços internacionais, pela taxa de câmbio e pela paridade de exportação. Segundo a Conab, a queda da produção está relacionada às reduções da área e da produtividade. A menor área é fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de covid-19 em 2020, que provocou paralisação de vendas, renegociações e cancelamentos de contratos, elevação de estoques mundiais e diversas incertezas. E a produtividade foi afetada por oscilações e intempéries climáticas.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2021/2020 com informações de setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop).

No caso do arroz, o aumento do faturamento esperado (20,04%) está atrelado às altas de 14,23% nas cotações do produto na comparação entre períodos e de 5,09% na produção esperada para o ano. Segundo a Conab, a maior produção decorre dos incrementos da produtividade e, em menor medida, da área. Com relação aos preços, a relação de alta reflete a aceleração alcançada ao longo do segundo semestre de 2020 – tal que 2021 iniciou com elevado patamar de preços para o arroz. Mas, ao longo do ano, os preços apresentaram tendência geral de queda. A equipe Arroz/Cepea evidencia que, no primeiro trimestre de 2021, as variações não foram muito expressivas. Produtores estavam atentos ao início da colheita e o fluxo de vendas no varejo estava baixo. No segundo e terceiro trimestres, os valores recuaram, sendo que no terceiro a queda refletiu as dificuldades de repasses de preços ao arroz beneficiado e a ainda baixa liquidez no varejo. Em geral, nos primeiros nove meses de 2021, houve um ajustamento de preços em relação ao segundo semestre de 2020, marcado por picos importantes nas cotações.

Para a cana-de-açúcar, os maiores preços reais na comparação entre os primeiros nove meses de 2021 e de 2020 (27,31%) explicam a projeção de crescimento do faturamento (10,57%), visto que se espera uma queda na produção anual (-13,15%). Segundo a Conab, a queda na produção advém tanto da projeção de menor produtividade quanto da diminuição da área. A perspectiva de redução na área reflete a concorrência com cultivos anuais com ótima rentabilidade recentemente (como milho e soja) e as questões climáticas que impactaram regiões produtoras na safra anterior. Com relação à produtividade, as condições climáticas têm oscilado durante o ciclo atual da cultura e muitas regiões registraram baixos níveis pluviométricos e incidências de fortes geadas, que impactaram no potencial produtivo da cultura.

Para a cultura do café, a modesta expansão esperada no faturamento (3,57%) se deve aos maiores preços reais (39,36%) na comparação entre períodos, visto a expectativa de menor produção (-25,68%). Com relação aos preços, a tendência geral foi de alta nos primeiros nove meses do ano. Segundo a equipe Café/Cepea, no primeiro trimestre, a alta refletiu a desvalorização do Real frente ao dólar, a oferta restrita remanescente da safra anterior e as expectativas de quebra na safra atual. No segundo, os expressivos avanços nos preços foram resultado, principalmente, da confirmação da quebra na safra nacional. As estimativas de quebra de safra na América Central e problemas logísticos enfrentados na Colômbia – em decorrência de protestos antigovernamentais – também influenciaram nesse comportamento. No terceiro trimestre, além da oferta restrita da safra brasileira, a perspectiva de nova quebra em 2022/2023, em decorrência de geadas e seca em 2021, e os entraves logísticos enfrentados na cadeia global de café (encarecimento dos fretes marítimos e falta de contêineres), impulsionaram os preços. Segundo a Conab, a queda de produção é reflexo tanto da menor área destinada à produção, quanto da projeção de recuo na produtividade, devido às condições climáticas desfavoráveis e à bienalidade negativa da safra, especialmente de arábica.

No caso do tomate, a expansão de 10,16% esperada no faturamento é resultado dos preços reais 9,41% maiores, na comparação entre períodos iguais. Para a produção se espera apenas um ligeiro crescimento, de 0,68%. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, nos dois primeiros trimestres do ano se observaram menores preços como resultado da maior oferta no período, de problemas na qualidade do tomate e da redução da demanda – também influenciada pelas novas restrições de funcionamento de diversos setores. Já o terceiro trimestre foi de elevação dos preços do tomate. De acordo com a equipe, a elevação em julho esteve relacionada à desaceleração da safra de inverno e ao frio intenso acompanhado de geadas em alguns períodos. Em agosto, a oferta de tomates se manteve controlada, sustentando as cotações. Em setembro, o preço voltou a crescer, alcançando o maior nível de 2021, até o momento. Uma combinação de fatores permitiu a alta: aproximação do fim da primeira parte da safra de inverno, começo ainda lento da segunda parte; atrasos em algumas lavouras afetadas pelas geadas em julho (que foram replantadas no Sul de Minas); menor oferta de rasteiro para o mercado de mesa em relação a anos anteriores; redução da área cultivada na temporada; entre outros.

Tabela 3. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2021/2020 com informações de setembro

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	22,84	56,42	-21,47
Arroz	20,04	14,23	5,09
Banana	8,24	3,40	4,68
Batata	1,13	-4,40	5,79
Cacau	13,36	8,10	4,86
Café	3,57	39,36	-25,68
Cana	10,57	27,31	-13,15
Feijão	-7,26	3,91	-10,75
Fumo	-7,89	-10,45	2,85
Laranja	-3,86	11,58	-13,83
Mandioca	11,10	13,36	-2,00
Milho	40,10	65,16	-15,17
Soja	59,37	44,90	9,99
Tomate	10,16	9,41	0,68
Trigo	52,14	23,36	23,32
Uva	-1,25	-17,57	19,81
Madeira tora*	2,12	-2,55	4,80
Madeira p/ Celulose	2,45	1,33	1,10
Lenha/carvão	59,53	35,31	17,90

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop).

No caso da banana, os maiores preços (3,40%), na comparação entre períodos iguais, e a expansão esperada da produção anual (4,68%) explicam a alta projetada para o faturamento real (8,24%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, o patamar mais elevado das cotações em 2021 se explica sobretudo pelos entraves climáticos que prejudicaram a produção em importantes regiões, como o Norte de Santa Catarina e o Vale do Ribeira, em São Paulo. Especificamente no terceiro trimestre, a alta nos preços foi reforçada – em períodos de clima mais frio, é comum que haja atraso da maturação, e nesse ano, a queda da oferta foi maior em decorrência das geadas.

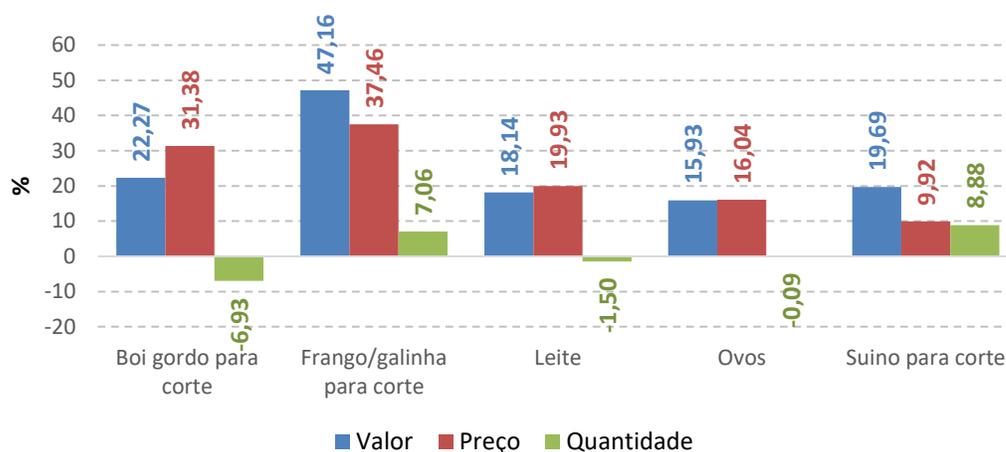
Para a batata, a maior produção esperada (alta de 5,79%) explica o moderado aumento projetado para o faturamento real, de 1,13%. Para os preços, houve queda real de 4,40% na comparação entre períodos iguais. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre, a queda do preço refletiu a limitação da demanda, em decorrência das restrições relacionadas à covid-19. No segundo trimestre, contrariando a sazonalidade, os preços também recuaram. Além de a produtividade no período ter ficado acima do esperado, a demanda se manteve enfraquecida, com a redução do auxílio emergencial, as novas restrições de circulação e a fragilidade da economia. Embora com média inferior à do segundo trimestre, o preço da batata se elevou ao longo do terceiro trimestre, devido à significativa quebra de produção ocasionada pelas geadas.

Para a laranja, a redução de 3,86% no faturamento é reflexo da queda de 13,83% na produção esperada, visto que houve um crescimento de 11,58% nos preços reais na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, o alto patamar de preços no ano refletiu, principalmente, a oferta mais restrita da safra atual.

A Figura 3 apresenta o comportamento das atividades que compõem o segmento primário da pecuária. De janeiro a setembro de 2021, todas as atividades apresentaram variações positivas nas projeções de faturamento anual. Em todos os casos, a variação está atrelada principalmente à alta dos preços reais.

Para a bovinocultura de corte, é esperado crescimento de 22,27% do faturamento anual, impulsionado pelo avanço de 31,38% dos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020; por sua vez, é esperado recuo de 6,93% da produção anual. A arroba do boi gordo teve patamar recorde em agosto, devido à combinação de diversos fatores: baixa oferta de animais para abate, altos custos de produção, condições climáticas desfavoráveis às pastagens e exportações aquecidas. A partir de setembro, o comportamento altista foi revertido em virtude da constatação de dois casos atípicos de “mal da vaca louca”, que ocasionaram o afastamento de compradores do mercado interno e a suspensão dos envios de carne bovina à China, de acordo com a equipe Boi/Cepea.

Figura 3. Pecuária: Variação anual dos preços e do faturamento 2021/2020 com informações de setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE).

Para a avicultura de corte, projeta-se crescimento de 47,16% do faturamento anual, resultante da combinação de alta de 37,46% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e crescimento de 7,06% da produção, que é esperado para este ano. Ao longo do ano, o preço do frango vivo registrou sucessivas altas. Em agosto, renovou a máxima da série histórica do Cepea, em termos nominais. Essa alta, de acordo com a equipe Frango/Cepea, foi sustentada pela boa liquidez da carne de frango no mercado interno, a fim de acompanhar os elevados custos de produção e, assim, garantir a margem dos avicultores.

Para a suinocultura, é esperado crescimento de 19,69% do faturamento anual. O desempenho advém do avanço de preços, 9,92% superiores ao patamar registrado no mesmo período de 2020; e do crescimento de 8,88% que é esperado para a produção anual. Apesar dos patamares mais altos em relação a 2020, no terceiro trimestre de 2021, os preços do suíno vivo recuaram expressivamente em relação ao trimestre anterior. O recuo se observava ainda em julho, quando a lentidão das vendas domésticas e a contenção do ritmo de exportações pressionaram os preços do animal. Nos meses subsequentes (agosto e setembro) houve algum movimento de recuperação, contudo, na maior parte das praças, o cenário ainda foi de queda, aponta a equipe Suíno/Cepea. Vale mencionar que a recuperação da produção doméstica chinesa em 2021, após ter tido seu rebanho assolado pela Peste Suína Africana, começa a pressionar os preços internacionais.

Para a bovinocultura de leite, projeta-se crescimento de 18,14% do faturamento anual. Este resultado se deve à alta de 19,93% dos preços reais, na comparação entre períodos, haja vista a redução esperada de 1,50% para a produção anual. Os preços médios do leite pago ao produtor no terceiro trimestre cresceram em relação ao trimestre anterior. Este resultado refletiu a alta dos custos de produção neste período de entressafra, marcado pela redução do volume de chuvas e, logo, das pastagens; e, em alguma medida, o efeito da redução de investimentos na produção ao longo deste ano, que comprometeu a oferta. Como consequência, a disputa pelo leite cru entre as indústrias de laticínios impulsionou os preços da matéria-prima.

Por fim, para a avicultura de postura, projeta-se crescimento de 15,93% do faturamento anual, devido à alta de 16,04% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, haja vista a sutil queda de 0,09% (praticamente, uma estabilidade) esperada para a produção anual. No terceiro trimestre do ano, o ovo apresentou alta liquidez, devido à demanda aquecida na maior parte do período. Esta procura está atrelada, principalmente, ao alto custo das proteínas animais no mercado doméstico. Com isso, em agosto, os preços nominais dos ovos registraram recorde na série histórica do Cepea.

Para todas as atividades da pecuária, um fator comum que deve ser ressaltado é o efeito negativo sobre as margens da escalada dos custos de produção, puxada sobretudo pelas altas na nutrição animal. Deve-se destacar que aumento de faturamento não significa crescimento do PIB.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria recua no trimestre, mas mantém elevação no acumulado do ano

No terceiro trimestre de 2021, tanto a indústria agrícola quanto a pecuária tiveram recuo do PIB. Para a agrícola, a queda foi de 0,78% e, para pecuária, de 3,34% (Tabelas 1 e 2). Para o período de janeiro a setembro, as atividades de processamento vegetal mantiveram crescimento, de 7,54%, apesar da queda trimestral. Já a indústria da pecuária recuou 11,82% no período.

No ramo agrícola, a recuperação do nível de produção frente ao ano anterior que vinha sendo observada, e se intensificou a partir de abril, foi interrompida ao longo do terceiro trimestre. Esse foi o cenário para quase todas as agroindústrias agrícolas: produtos e móveis de madeira, papel e celulose, biocombustíveis e açúcar, têxtil e vestuário, conservas de frutas, verduras e vegetais, fumo e bebidas. Mas, o patamar dos preços continuou elevado para esse segmento, favorecendo o resultado do PIB no período. Já no ramo pecuário, o ano tem sido caracterizado pela dificuldade de repasse dos aumentos das matérias-primas para o consumidor, com pressão negativa sobre o PIB. No terceiro trimestre do ano, esse cenário se agravou diante de uma acomodação dos preços frente ao ano anterior, especialmente para as carnes suína e bovina.

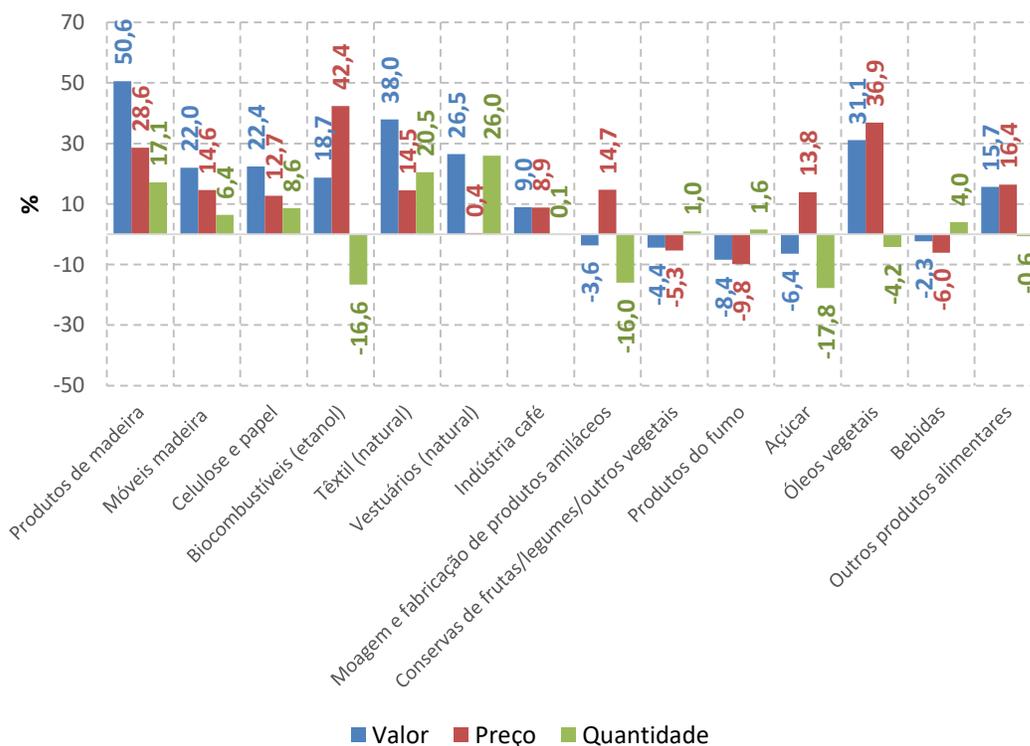
Especificamente, na indústria de base agrícola, espera-se alta de 16,55% no faturamento anual, resultado de preços médios 17,1% maiores e de queda de 0,47% na produção industrial. Para a indústria de base pecuária, o aumento esperado no faturamento é de 14,89%, com preços 18,02% maiores, mas queda de 2,65% na produção industrial. Mesmo com o faturamento em alta, o crescimento mais intenso dos custos industriais – elevação média de 25,4% – explica a queda do PIB desse segmento, como já apontado.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do faturamento em 2021 são: indústria do café, móveis e produtos de madeira, outros produtos alimentares, vestuários, biocombustíveis, celulose e papel, óleos vegetais e têxtil. Já para bebidas e para as indústrias do açúcar, de conservas de frutas, legumes e outros vegetais, de moagem e fabricação de produtos amiláceos e de produtos do fumo, espera-se queda do faturamento (Figura 4).

Para a indústria de óleos vegetais, a expansão esperada no faturamento (31,1%) é reflexo do aumento nos preços reais (36,9%) na comparação de janeiro a setembro de 2021 frente a janeiro a setembro de 2020. Por sua vez, se espera uma redução na produção anual (-4,20%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, o quadro geral que tem marcado esse mercado ao longo do ano é o de demandas interna e externa aquecidas.

Com relação à produção de biocombustíveis, espera-se crescimento de 18,7% no faturamento anual, devido aos preços reais 42,4% maiores na comparação entre períodos iguais, contrapondo-se à redução de 16,6% na produção esperada para o ano. De acordo com a equipe Etanol/Cepea, no primeiro trimestre de 2021, os preços tiveram alta expressiva. Além de ser um período de entressafra, nesse ano houve postergação do início da moagem devido à estiagem de 2020, contribuindo para a elevação expressiva do preço em março. No segundo trimestre, demandantes ainda adquiriram o biocombustível com cautela, tendo em vista a pandemia e o cenário econômico brasileiro. Entretanto, a equipe do Cepea aponta que, mesmo nesse cenário e com a perda de competitividade do biocombustível frente à gasolina C, em maio, distribuidoras realizaram reposição de estoques e deram suporte aos preços. No terceiro trimestre, as cotações continuaram avançando. A alta persistente pode ser atribuída principalmente às menores produções de cana-de-açúcar e de etanol na presente safra, em decorrência do clima desfavorável à cultura. A alta foi reforçada pelas elevações no preço da gasolina C. Para a produção, a Conab destaca que a queda é reflexo da projeção de menor produção de cana-de-açúcar, impactada por condições climáticas adversas.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE e Conab).

No caso da produção de açúcar, espera-se uma redução de 6,4% no faturamento anual, por conta da produção esperada 17,8% menor, tendo em vista os preços 13,8% maiores na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2020. Assim como para os biocombustíveis, a redução da produção açucareira está relacionada à projeção de menor produção de cana-de-açúcar. No que se refere aos preços, a equipe Açúcar/Cepea aponta que esses estiveram em movimento de alta desde agosto de 2020, influenciados especialmente pelo forte ritmo das exportações, favorecidas pela desvalorização do Real frente ao dólar. No segundo e terceiro trimestres de 2021, as altas de preços foram reforçadas pela oferta restrita e pelo avanço nos valores externos da *commodity*.

Para as indústrias têxtil e de vestuário, os aumentos esperados de faturamento (38,0% e 26,5%, respectivamente) ainda refletem especialmente a recuperação da produção, embora essa tenha desacelerado de forma importante no terceiro trimestre.

Quanto às agroindústrias de base pecuária, espera-se crescimento do faturamento anual para a de couro e calçados e para a de abate e preparação de carnes e pescados. Para a indústria de laticínios, é esperada queda para este ano, conforme Tabela 4.

Tabela 4. Agroindústrias de base pecuária: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	21,18	20,09	-5,94
Preço	5,48	23,19	1,14
Quantidade	15,60	-2,46	-7,00

Para a indústria de abate e preparação de carnes e pescado, é esperado crescimento de 20,09% do faturamento anual. A projeção reflete a alta de 23,19% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, enquanto a produção anual esperada é 2,46% menor. No caso da produção, ressalte-se que a queda reflete exclusivamente o menor abate de bovinos, que por sua vez reflete a escassez de oferta no campo. Ao contrário, os abates de aves e suínos aumentaram no período, frente ao mesmo período de 2020.

Quanto aos preços, no caso da carne bovina, segundo equipe Boi/Cepea, agentes têm relatado dificuldades de repasse dos custos de produção do boi gordo à carne negociada no atacado pelos frigoríficos – dado o poder de compra fragilizado de grande parte da população, que acaba optando pela aquisição de proteínas substitutas, como carnes de frango ou suínos, ou ovos. E frigoríficos que atendem à demanda externa têm limitado a demanda por novos lotes de animais devido à suspensão de envios da proteína à China. Nesse cenário, a carcaça bovina manteve-se praticamente estável, mas com pressão de baixa ao longo do terceiro trimestre. Quanto à carne avícola, no terceiro trimestre deste ano, os preços médios do frango inteiro resfriado no atacado foram impulsionados pela competitividade da proteína frente às substitutas. Em setembro, o preço médio da carne avícola, em termos reais, registrou a máxima da série histórica do Cepea iniciada em 2004. Em relação à carne suína, a média trimestral dos preços da carcaça recuou em relação ao trimestre imediatamente anterior. Isso refletiu a queda na demanda doméstica e o recuo das exportações no período, especialmente em agosto, quando a escassez de contêineres e os altos patamares de valores do frete marítimo prejudicaram os embarques da proteína, de acordo com a equipe Suíno/Cepea.

Para a indústria de laticínios, projeta-se redução do faturamento anual (-5,94%). Esse resultado reflete a queda anual esperada da produção (-7,0%), que é amenizada em alguma medida pela leve

alta dos preços reais (1,14%), na comparação entre períodos iguais. Conforme a equipe Leite/Cepea, diante do desaquecimento da demanda e elevação dos estoques, houve dificuldade de se repassar a valorização da matéria-prima para o consumidor final, bem como a perda de poder de barganha com os canais de distribuição. Como consequência, no terceiro trimestre, houve recuo nos preços dos principais derivados lácteos consumidos no país, como o UHT, a muçarela e o leite em pó.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: agrosserviços crescem na agricultura e recuam na pecuária

O PIB dos agrosserviços do agronegócio brasileiro recuou 0,7% no terceiro trimestre, pressionado pela queda de 4,44% dos serviços pecuários. Ao contrário, impulsionado pelo desempenho da renda no campo, os agrosserviços agrícolas tiveram alta de 0,96% no trimestre (Tabela 2).

No período de janeiro a setembro, o resultado para o segmento continuou positivo, em 5,47%, reflexo do excelente desempenho dos serviços agrícolas (14,03%). Por outro lado, o PIB dos serviços pecuários recuou 14,73% nos nove primeiros meses de 2021, refletindo especialmente a queda dos abates bovinos e das margens industriais (Tabela 1).

Esse forte avanço do PIB do segmento, que é ligado ao ramo agrícola, está atrelado sobretudo ao bom desempenho da agricultura, com destaque para a soja, e à recuperação do nível de processamento vegetal (embora essa recuperação tenha desacelerado no terceiro trimestre). Esse cenário implica ampliação do uso de serviços de comércio, transporte e armazenagem, entre outros, como serviços financeiros, de comunicação, jurídicos, contábeis etc. Como apontado na introdução deste relatório, tomando novamente como exemplo o setor de transportes, segundo o relatório trimestral da Fretebras, os fretes do agronegócio aumentaram expressivamente em 2021, puxados pelo transporte de fertilizantes, soja e milho.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro teve desempenho modesto no terceiro trimestre, com crescimento de apenas 0,4%. Após essa estabilização do crescimento, a alta acumulada no período de janeiro a setembro foi de 10,79%. Como visto nos relatórios anteriores, a oposição entre os resultados do ramo agrícola e do ramo pecuário se manteve. No ramo agrícola, o PIB cresceu 17,06% de janeiro a setembro, após ter alta de 1,66% no terceiro trimestre. E o PIB do ramo pecuário recuou 2,69% no terceiro trimestre, com a variação no período de janeiro a setembro estimada em -4,76%.

No ramo agrícola, no geral, os destaques de janeiro a setembro foram os segmentos de insumos e o primário (agricultura). O PIB do segmento de insumos agrícolas foi puxado pelo desempenho da agricultura e pela alta importante dos preços, sobretudo fertilizantes e máquinas agrícolas. Por sua vez, o excelente resultado da agricultura no período decorreu exclusivamente do alto patamar real dos preços agrícolas, tendo em vista as expressivas quebras de produção para importantes culturas em resposta às condições climáticas desfavoráveis. Destaca-se que o avanço da renda nesse segmento foi em alguma medida limitado pelo forte incremento dos custos de produção.

Ainda nesse ramo, no terceiro trimestre, chamou a atenção uma desaceleração da recuperação da produção industrial, frente ao ano anterior. Esse foi o cenário para quase todas as agroindústrias agrícolas: produtos e móveis de madeira, papel e celulose, biocombustíveis e açúcar, têxtil e vestuário, conservas de frutas, verduras e vegetais, fumo e bebidas. Mas, a variação do PIB do segmento no acumulado do ano continuou positiva. Também se destacou o crescimento do PIB dos agrosserviços. O bom desempenho da agricultura, com destaque para a soja, e a recuperação do nível de processamento vegetal (apesar da desaceleração) implicaram ampliação do uso de serviços pelo ramo.

Por sua vez, o fraco desempenho do ramo pecuário tem como principal fator de pressão o aumento expressivo dos custos com insumos, seja dentro da porteira, na agroindústria ou nos agrosserviços do ramo. No segmento primário, o PIB cresceu, mas com resultado bem modesto tendo em conta as fortes elevações dos preços. Isso porque, a alta dos custos foi mais intensa que as elevações dos valores dos produtos e houve menor produção de bovinos no campo. Na agroindústria pecuária, as elevações das matérias-primas não puderam ser repassadas em mesma medida aos preços negociados diante da fragilização da demanda doméstica, causando um estreitamento das margens – situação que se agravou no terceiro trimestre. Ademais, o abate de bovinos reduziu devido à escassez de bois no campo. Nos agrosserviços, o recuo do PIB no ramo pecuário também refletiu o comportamento a montante.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/20	0,52	6,00		2,65	3,56	3,76
out/20	0,22	6,88		1,85	3,18	3,61
nov/20	1,22	6,23		1,81	2,70	3,26
dez/20	2,23	4,36		1,00	1,34	2,00
jan/21	2,52	4,13		0,27	1,22	1,94
fev/21	3,40	3,78		0,09	0,89	1,69
mar/21	4,51	2,91		0,77	0,89	1,60
abr/21	3,38	2,16		1,37	0,90	1,44
mai/21	3,44	3,12		1,37	1,31	1,93
jun/21	4,83	1,98		0,81	0,84	1,33
jul/21	1,91	2,33		-0,34	0,24	0,79
ago/21	3,46	1,12		0,15	0,35	0,64
set/21	3,52	-1,10		-1,23	-1,28	-1,02
Acumulado (jan-set)	35,56	22,28		3,27	5,47	10,79

RAMO AGRÍCOLA						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/20	0,14	6,62		2,33	3,22	3,54
out/20	-0,21	8,28		1,76	3,42	3,87
nov/20	0,78	7,82		2,37	3,86	4,17
dez/20	2,17	5,80		1,89	2,94	3,19
jan/21	1,64	5,38		0,80	2,35	2,84
fev/21	2,97	4,80		0,66	2,05	2,54
mar/21	4,15	3,84		1,51	2,16	2,51
abr/21	3,18	2,27		2,01	1,84	1,98
mai/21	3,61	3,55		1,96	2,32	2,60
jun/21	4,14	2,44		1,17	1,58	1,80
jul/21	3,35	2,64		-0,18	0,76	1,16
ago/21	3,69	1,60		0,22	0,70	0,94
set/21	4,41	-0,63		-0,83	-0,50	-0,44
Acumulado (jan-set)	35,78	28,92		7,54	14,03	17,06

RAMO PECUÁRIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/20	1,28	4,98		3,82	4,35	4,28
out/20	1,07	4,44		2,30	2,83	3,10
nov/20	2,10	3,41		0,22	0,47	1,32
dez/20	2,36	1,77		-1,79	-1,96	-0,65
jan/21	4,07	0,85		-1,83	-1,97	-0,66
fev/21	4,23	1,26		-2,17	-2,43	-0,74
mar/21	5,22	0,68		-2,34	-2,81	-1,05
abr/21	3,78	2,32		-1,25	-1,64	0,06
mai/21	3,19	2,23		-1,03	-1,46	0,10
jun/21	6,11	0,98		-0,48	-0,98	0,15
jul/21	-0,65	1,72		-0,72	-0,88	-0,10
ago/21	3,04	0,08		0,10	-0,28	-0,01
set/21	1,78	-2,12		-2,74	-3,33	-2,58
Acumulado (jan-set)	35,13	8,20		-11,82	-14,73	-4,76

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/20	4,2%	25,9%	24,3%	45,7%	100,0%
out/20	4,1%	26,3%	24,1%	45,5%	100,0%
nov/20	4,0%	26,6%	24,0%	45,4%	100,0%
dez/20	4,1%	26,7%	24,1%	45,2%	100,0%
jan/21	4,4%	34,4%	19,8%	41,4%	100,0%
fev/21	4,7%	34,2%	19,9%	41,2%	100,0%
mar/21	5,1%	33,1%	20,5%	41,3%	100,0%
abr/21	5,1%	32,0%	21,3%	41,6%	100,0%
mai/21	5,1%	31,8%	21,6%	41,6%	100,0%
jun/21	5,2%	31,2%	21,7%	41,8%	100,0%
jul/21	5,2%	31,3%	21,6%	41,9%	100,0%
ago/21	5,2%	30,9%	21,8%	42,1%	100,0%
set/21	5,4%	30,4%	22,0%	42,2%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/20	4,1%	24,7%	26,9%	44,2%	100,0%
out/20	4,0%	25,2%	26,7%	44,2%	100,0%
nov/20	3,9%	25,4%	26,5%	44,2%	100,0%
dez/20	3,9%	25,3%	26,6%	44,3%	100,0%
jan/21	3,4%	34,1%	20,8%	41,8%	100,0%
fev/21	3,7%	33,5%	21,0%	41,8%	100,0%
mar/21	4,0%	32,2%	21,8%	42,0%	100,0%
abr/21	4,1%	30,6%	22,9%	42,4%	100,0%
mai/21	4,2%	30,1%	23,2%	42,5%	100,0%
jun/21	4,3%	29,7%	23,4%	42,6%	100,0%
jul/21	4,4%	29,8%	23,3%	42,5%	100,0%
ago/21	4,5%	29,5%	23,4%	42,6%	100,0%
set/21	4,8%	28,9%	23,6%	42,7%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/20	4,3%	28,2%	18,7%	48,8%	100,0%
out/20	4,3%	28,7%	18,6%	48,4%	100,0%
nov/20	4,4%	29,3%	18,4%	47,9%	100,0%
dez/20	4,6%	29,9%	18,3%	47,2%	100,0%
jan/21	8,2%	35,5%	16,1%	40,2%	100,0%
fev/21	8,3%	36,5%	15,8%	39,3%	100,0%
mar/21	8,8%	36,5%	15,8%	38,9%	100,0%
abr/21	8,4%	37,0%	15,8%	38,8%	100,0%
mai/21	8,0%	37,2%	15,9%	38,8%	100,0%
jun/21	8,2%	36,4%	16,1%	39,2%	100,0%
jul/21	7,5%	36,5%	16,3%	39,7%	100,0%
ago/21	7,4%	35,6%	16,6%	40,4%	100,0%
set/21	7,5%	35,1%	16,7%	40,7%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP, CNA E FEALQ.

A3) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	14,96	-4,57	0,48	-1,15	-1,00
Ramo Agrícola	22,99	-5,79	2,62	1,68	0,86
Ramo Pecuário	-1,08	-2,07	-6,85	-7,51	-5,47

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de setembro.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao que se refere a meses e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.** Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico
Reginaldo Minaré – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador
Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica
Fernanda Schwantes – Assessora Técnica
Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica
Lucas Martins de Araújo – Assessor Técnico
Mariza de Almeida – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.
Gabriel Costeira Machado, Me.
Felipe Miranda de Souza Almeida, Me.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Arlei Luiz Fachinello, Dr.